

## **CRESS PARAÍBA CONTRA O RACISMO ESTRUTURAL E O GENOCÍDIO DA POPULAÇÃO NEGRA**

*“Não basta não ser racista, é preciso ser antirracista!”*

*- Angela Davis*

O Conselho Regional de Serviço Social da 13ª Região - Paraíba (CRESS/PB), vem a público demonstrar sua preocupação e comprometimento com o enfrentamento ao racismo estrutural que, histórica e ininterruptamente, tem provocado a subjugação e também a morte de pessoas negras no solo brasileiro, num verdadeiro processo de genocídio desse contingente populacional.

Numa sociedade em que a condição de classe e a questão étnico-racial estabelecem entre si uma relação de indissociabilidade, a hierarquização racial reserva, para negros e negras, o espaço da subalternização. Destacando que, entre as mulheres, particularmente as negras, os níveis de exploração-opressão-dominância acentuam-se em razão das relações patriarcais de gênero. Ressaltamos que o racismo ganha materialidade muito em função do legado histórico da escravização de pessoas racializadas no país e da colonização de nações, cuja função era e é manter os privilégios e interesses do modo de produção vigente e das elites nacionais. Cumpre observar que a opressão racial adquire concretude mediante os casos de violência simbólica e também material.

Nesse sentido e de acordo com o Atlas da violência (2019), no ano de 2017, 75,5% de mortes por homicídio no Brasil foram de negros e de negras, sobretudo da população jovem. O racismo mata e, não por acaso, os assassinatos da juventude negra aumentaram em 429% nos últimos 20 anos. Os corpos negros e periféricos seguem sendo violados, violentados e exterminados. Na Paraíba a população negra tem 6,6% a mais de chance de ser vitimizada pela violência letal que a população não negra.

Neste mês, tendo como estopim a morte de George Floyd pela polícia de Minneapolis nos Estados Unidos, presenciamos diversas mobilizações em vários países do mundo, inclusive no Brasil, que questionam o racismo na sociedade e mais particularmente o racismo institucional, sendo uma das faces a violência policial. No Brasil, ganham evidência os casos de João Pedro, de 14 anos, alvejado na barriga em operação policial no Rio de Janeiro e do menino Miguel, morto em Recife após cair do 9º andar ao ser deixado sozinho no elevador de um prédio de luxo, por Sarí Corte Real, patroa de sua mãe que é empregada doméstica. A insurgência de movimentos negros em vários países articulados à luta antifascista, dessa forma, evidencia a barbárie da sociabilidade capitalista que repõe reiteradamente a exploração e as opressões.



O Serviço Social tem um compromisso com as lutas travadas pela classe trabalhadora em seu conjunto e este aponta para o combate às opressões interseccionais de classe, de gênero e também de raça, dentre outras. Deste modo, a Gestão “Tempos de resistir, tempos de não se calar” vem reafirmar o engajamento da profissão com o combate ao racismo, sobretudo em tempos de COVID-19, em que tomam relevo processos de agravamento das já precárias condições de vida e de reprodução social de negros e negras no Brasil.

A luta anticapitalista precisa ser contra o sistema de opressões em sua totalidade.  
Não basta não ser racista, é preciso ser antirracista!

#ServiçoSocialNoCombateAoRacismo  
#VidasNegrasImportam  
#ParemDeNosMatar

**João Pessoa, 18 de junho de 2020**  
**Conselho Regional de Serviço Social**  
**Gestão 2020-2023 “Tempos de resistir, tempos de não se calar”**

